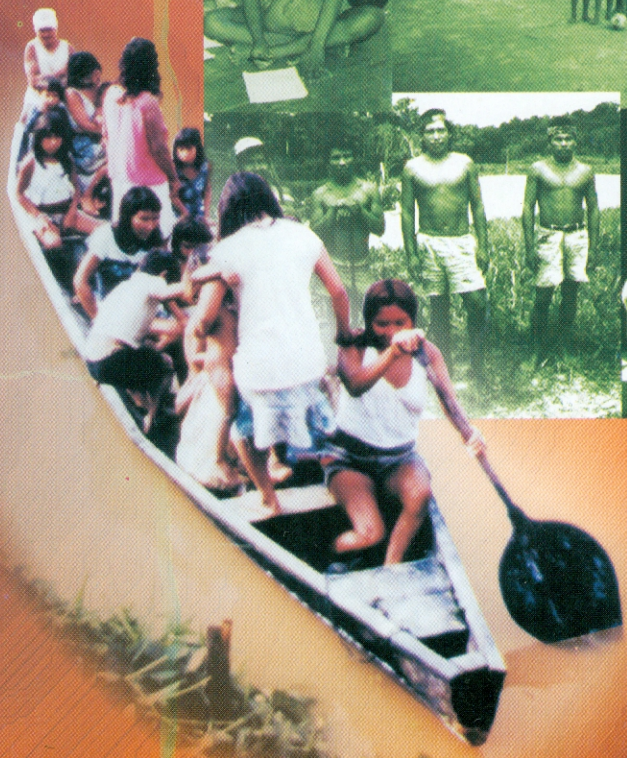
SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS 2002

Manacô

Viver repartindo



Apresentação

Amiga e Amigo!

Quem não quer levar vantagem? Não é assim que cada pessoa tem direito de se defender e de lutar pela sua vida? Agora, o que acontece, quando uma sociedade toda leva isso ao extremo, passa a se orientar pela lei do mais forte e cruel e a desrespeitar as leis que ajudam a organizar a vida conjunta das pessoas?

Exato, a violência toma conta de tudo e a sociedade fica muito doente, assim como boa parte de nossa sociedade brasileira. Ela está assim porque as leis, que deveriam ajudar a criar o equilíbrio para que todas as pessoas possam viver bem, não funcionam. Há violentos desequilíbrios entre pessoas muito ricas e outras, extremamente pobres; entre quem têm acesso a tudo e quem não têm acesso ao necessário: comida, saúde, educa-ção, trabalho...

Entre os membros do povo Madihá, que vivem no Acre, Amazo-nas e no Peru, não há este desequilíbrio porque eles têm uma lei interna, um mecanismo social que ajuda a manter o equilíbrio. Eles chamam este mecanismo de manacô, o que quer dizer: repartir, partilhar, dividir, dar, receber e retribuir. Na cartilha deste ano queremos refletir sobre este princípio, isto é, sobre o tema: "Manacô: Viver Repartindo". Será que não poderíamos aprender com os Madihá a viver para repartir e a repartir para viver?

Esta cartilha quer ajudar a enfrentar o desafio.

Coordenação: Conselho de Missão entre Índios - COMIN
Informações: Frank e Christiane Tiss, Lori Altmann e Cler R. Schoulten
Elaboração: Edson Ponick, Marta Nörnberg da Silva, Cláudio Becker, Janaine Peiter e Arteno Spellmeier
Poesia: Roberto E. Zwetsch
Capa, ilustrações e programação visual: Artur Sanfelice Nunes
Fotografias: Frank e Christiane Tiss e Heiner Heine
Impressão: Con-Texto Gráfica e Editora
Realização: COMIN em parceria com Departamento de Catequese e Departamento Nacional para Assuntos da Juventude /IECLB
Apoio financeiro: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB) e Obra Missionária da Élbia do Norte (NMZ)
Tiragem: 40 mil exemplares

COMIN/Conselho de Missão entre Índios - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil Caixa Postal 14 - CEP 93001-970 - São Leopoldo/RS - Tel.: (51) 590.1440 - E-mail: comin@est.com.br - Home-page: http://www.comin.ong.org

Gente a caminho

Você já ouviu falar sobre um povo indígena chamado Kulina? As pessoas que pertencem a esse povo se autodenominam de Madihá.

Os primeiros contatos entre os Madihá e a população não indígena foi amigável. Este contato aconteceu entre os anos de 1850 e 1860.

Ligue o traço à letra correspondente e descubra o que significa o nome do povo.

MADIHÁ significa:

Risque os números ímpares e você descobrirá qual é a população Madija atualmente.

35470970570

São aproximadamente _____ pessoas espalhadas pelos rios Juruá e Purus.

O contato se tornou violento com a chegada dos nordestinos. Eles foram incentivados pelo governo para extrair borracha dos seringais. Os nordestinos eram conhecidos como soldados da borracha. A partir de 1885, ocorreram muitos conflitos, e muitas pessoas, principalmente Madihá, morreram.

Os Madihá costumam mudar de lugar de tempos em tempos. Por isso, podemos chamá-los de

(Leia esta palavra olhando no espelho. Depois, escreva a palavra no tracejado)

_____.

Os Madihá têm muitas festas e rituais. Através de cada festa e rito, eles mostram sua alegria, sua criatividade, sua integração com a natureza e a sua forma de viver em comunidade.

A palavra-chave dos Madihá

Nas frases a seguir, há palavras sublinhadas. Encaixe-as no exercício e descubra a palavra-chave dos Madihá. Depois, escreva esta palavra nos tracejados das frases e leia-as novamente.

Com estas frases, tentamos explicar o que significa o __ __ __ __ __ __ para os Madihá.

As três ações mais importantes no __ __ __ __ __ __ são: DAR, RECEBER E RETRIBUIR.

O __ __ __ __ __ __ garante a sobrevivência de todas as pessoas na aldeia.

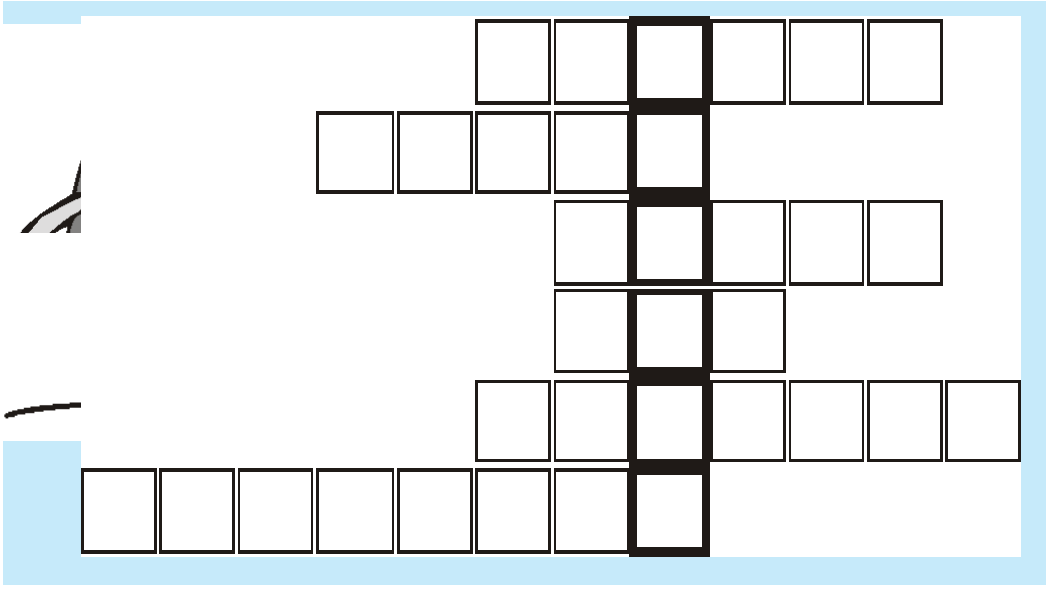
Se um grupo de crianças está brincando de onça e caçador, e alguém grita – __ __ __ __ __ __ – acontece a troca de papéis: quem era onça passa a ser caçador e vice-versa.

Se alguém tem comida e outro não, aquele que não tem busca o que precisa com aquele que tem. Para os Madihá, todas as pessoas devem ter o que comer.

Com o __ __ __ __ __ __, há respeito e igualdade entre as pessoas.

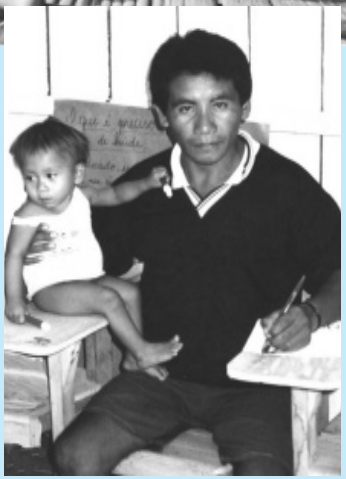
O __ __ __ __ __ __ geralmente contribui para a união do povo.

__ __ __ __ __ __ é mais do que uma palavra importante. É o chão sobre o qual está construída toda a vida dos Madihá.



Uma escola sem paredes

A escola é cheia de graça:
Teto de palha
casca de palmeira no chão
e sem paredes.
Todos podem acompanhar as aulas
na escola sem paredes.
E vai à aula quem quiser!



A escola foi organizada em 1980. No início, somente os adultos participavam das aulas. Hoje, na maioria das comunidades, crianças, jovens e adultos estudam juntos.

Os Madihá não forçam ninguém a ir à escola. A pessoa precisa ir por sua própria vontade. E todos vão porque entendem que ler, escrever e calcular é útil para a sua vida. Eles estudam porque sabem que precisam conhecer a língua dos brancos e a sua matemática para negociar e reivindicar os seus direitos.

À noite, mesmo não tendo tarefa de casa, as crianças e os adultos estudam. Eles deitam no chão e brincam com a escrita da sua língua, do português e também com os cálculos matemáticos.

Para os Madihá, o centro da pessoa não é o coração e nem o cérebro, mas o fígado. Veja algumas expressões da língua dos Madihá onde aparece esta palavra.

Fígado se escreve huati
Lembro-me: ohuati nahuato tani
E pode ser traduzido: Meu fígado sabe.
Estou com saudade dela: ohuati poni tohui huana tani
E pode ser traduzido: O meu fígado está se movendo em direção a ela.

Obs: Na língua dos Madihá, a sílaba tônica é sempre a última.

Os Madihá contam histórias para ensinar como viver na aldeia. Uma delas é:

O Mito da Roça

Há muito tempo, um casal saiu para caçar. Ao chegar sobre um morro, a mulher disse:

– Que lugar bonito para un

Enquanto isso, o marido ra flecha. Ela continuou:

– A ponta de sua flecha é Vamos, mate-me e vou virar uma r cheia de cana de açúcar, banana, n mão, mandioca e batata doce.

Assustado, o marido respondeu:

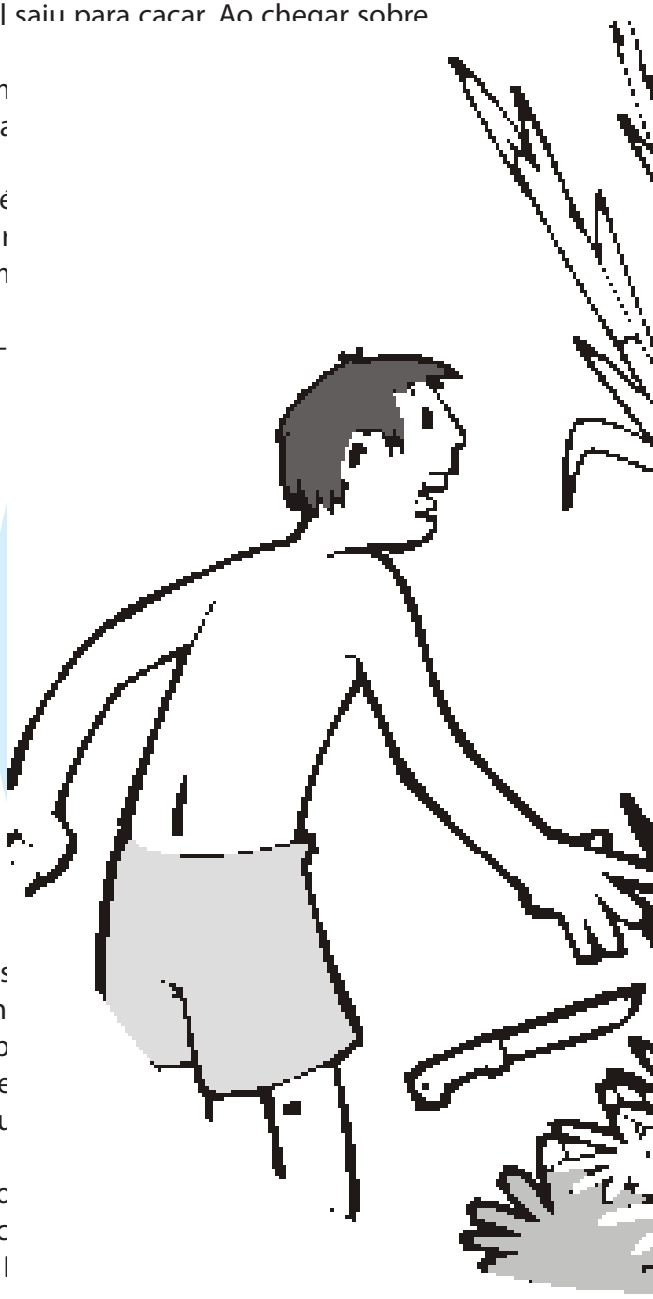
– Mas eu te amo. Se você morrer, nunca mais voltará.

– Eu ressuscitarei; – disse ela – quando o sol se pôr, haverá uma roça grande e bonita e o meu filho comerá as frutas dela.

Então, o homem disparou a flecha contra a esposa. Ela gritou alto e caiu. Vendo o que fez, o homem chorou muito e voltou à aldeia.

No outro dia, ele voltou ao lugar onde havia matado a esposa. Ao chegar, viu um roçado grande, cheio de frutas de todos os tipos. Ele pegou um cacho de ban na, cortou cana de açúcar e levou p contar o que aconteceu. Toda a alde para a roça e dividiram partes igu frutas para todas as famílias.

Depois de cinco dias, o ho filho voltaram à roça para chupar c encontraram a esposa cantando. I ficou surpreso.



– Olá, voltei para o lugar onde você me matou. Venha, vamos comer frutas.
Depois, voltando para a aldeia, a mulher perguntou:
– Você se casou com minha irmã mais nova depois que eu fui embora?
– Não. – respondeu o marido.
– Ela nem dormiu em nossa casa? – insistiu a esposa.
Ele disse:

ho começou a chorar, eu a chamei

mentindo. Você se casou. Quando
s para casa, vou observar tudo.
egando na aldeia, a irmã mais nova

mã mais velha, você voltou!?
– Voltei. – respondeu a irmã
ais velha, e logo perguntou:
– Quando você se casou com ele?
Eu não havia lhe dito "fique solteira, eu voltarei"?
Envergonhada, a outra respondeu:
– É que seu marido disse para mim: "sua irmã mais velha morreu; casarei contigo." Então, casei com ele.
E a irmã mais velha falou:
– Agora eu vou embora para sempre.
Então, ela foi para a roça, pisou em tudo, e tudo desapareceu. Ela também desapareceu; e o mato voltou a crescer
aquele lugar.

VOCÊ SABIA QUE...

/o Madihá, as mulheres cuidam e
a roça?
nde elas mandam.

Agir com liberdade

Numa aldeia Madihá, todas as pessoas se conhecem e convivem juntas no dia a dia. Por isso, as crianças também participam de todas as atividades da comunidade.

As casas são construídas sem paredes. As pessoas de uma casa podem escutar e conversar com as pessoas de outras famílias que moram próximas.

As crianças compartilham o mesmo espaço com os adultos. Quando um bebê precisa mamar e a sua mãe está ocupada, ele mama em outra mulher que tem leite.

Os pais são os responsáveis pelos seus filhos, mas não os únicos. Todas as pessoas da comunidade, principalmente os parentes, cuidam das crianças e lhes dão conselhos.

Também as crianças maiores cuidam das crianças pequenas. Os pais podem fazer suas tarefas diárias porque sempre há alguém para cuidar dos filhos.

As crianças Madihá decidem onde querem brincar. Os adultos e as crianças maiores observam e cuidam para que as crianças não corram perigo.

Elas brincam em diferentes lugares, vão para a escola ou ajudam os pais nas tarefas diárias.

As crianças têm liberdade de escolher se querem brincar, ir à escola ou ajudar os adultos em seus trabalhos.

Percorra os caminhos e veja os lugares onde as crianças Madihá

passam o seu dia e o que fazem.
Agora, pinte

- de azul, os lugares onde as crianças Madihá brincam;
- de verde, as tarefas que as crianças Madihá fazem;
- de amarelo, os lugares onde as crianças de nossa

O Manacô do Reino

Jesus contava parábolas para falar sobre o Reino de Deus. Veja uma dessas parábolas.

Certa vez, um homem foi à praça da cidade contratar pessoas para colher uvas. Eram a horas da manhã, quando ele perguntou para algumas pessoas:

– Vocês querem trabalhar na minha vinha hoje? Pago uma moeda de prata que é o suficiente para viver bem um dia.

As pessoas aceitaram a proposta.

Às b horas, o homem contratou outro grupo, prometendo pagar uma moeda de prata.

Também às c horas e às d horas ele contratou trabalhadores.

Às e horas da tarde, ele perguntou para outro grupo:

– Por que vocês estão sentados na praça sem trabalhar?

– Ninguém nos contratou – eles responderam.

Também estes foram trabalhar com a mesma promessa: ganhar o suficiente para viver bem um dia.

À noite, na hora do pagamento, o homem pediu que as pessoas se organizassem conforme a hora que chegaram para trabalhar: primeiro quem chegou às e horas da tarde, depois quem chegou às d horas e assim por diante.

Quem chegou às e horas ganhou uma moeda de prata. As pessoas que chegaram de manhã ficaram animadas, mas quando receberam o mesmo pagamento, reclamaram. Então, o homem disse:

– Por que vocês estão reclamando? Vocês têm algo contra a minha bondade? Acaso não lhes prometi pagar o suficiente para viver bem um dia? Fiz a mesma promessa para estas pessoas e vou cumprir o que prometi para todos.

Descubra quais as horas em que as pessoas foram contratadas olhando os relógios ao lado das letras...

a b c c e

O Manacô na sala de aula

A dinâmica a seguir pode ser realizada num grupo de 5 a 30 pessoas. Para explicar a dinâmica, vamos imaginar um grupo de 20.

A pessoa responsável pelo grupo organiza a sala da seguinte maneira: Forma 5 círculos com 4 cadeiras em cada um deles.

Sobre as cadeiras de cada círculo, coloca cartões com os seguintes dizeres:

1º círculo: 2 cartões: VALE 10 COPOS; 1 cartão: VALE 20 PRATOS DE PAPELÃO; 1 cartão: VALE 5 FACAS

2º círculo: 4 cartões: VALE UM LITRO DE SUCO OU DE REFRIGERANTE.

3º círculo: 2 cartões: VALE 10 BIS; 2 cartões: VALE 10 BOLACHAS

4º círculo: 2 cartões: VALE 3 MAÇÃS; 2 cartões: VALE 2 MAÇÂS

5º círculo: 4 cartões: VALE 5 SALGADINHOS (pasteizinhos, empadinhas)

Depois que a sala está organizada, cada pessoa senta no círculo que quiser. Todos os elementos da dinâmica estão com a pessoa orientadora. Ela pede que cada pessoa troque seu vale brinde e volte para o seu lugar. Depois, deixa o grupo livre durante 10 minutos para fazerem o que quiserem com o que receberam.

Após os 10 minutos, conversar sobre as seguintes questões:

– Como nos sentimos durante a dinâmica?

– O que teria acontecido se tivéssemos agido diferente?

– Em que aspectos a dinâmica se parece com a parábola de Jesus e com o manacô dos Madihá?

O povo Madihá

O povo Madihá pertence à família lingüística Arawá, assim como os Deni, Banawá -Yafi, Jarawara, Kanamati, Paumari, Yamamadi Suruahá.

O nome Madihá, também conhecido por Kulina, quer dizer gente, povo. É um povo que preserva os seus rituais, costumes e tradições. Apesar de ser um povo que sofreu com a frente extrativista, sendo massacrado, é um povo que resistiu e hoje luta por sua terra. Atualmente compreende aproximadamente 4000 pessoas, em torno de 30 aldeias e espalha-se pelas regiões do Acre e sul do Amazonas, localizadas entre os vales dos rios Purus e Juruá.

O povo Kulina era semi-nômade, ou seja, mudava constantemente de lugar. Hoje não migram com tanta freqüência, mas ainda conservam parte desta cultura.

Os Kulina viviam da caça, pesca, coleta de frutas (pupunha, açaí, buriti, etc) e plantavam principalmente macaxeira e banana. Atualmente acrescentaram à sua economia alguns produtos industrializados como, sal, combustível, tecido, machado, terçado (facão grande) e animais para venda como porcos, galinhas, patos. Na agricultura acrescentaram o plantio de batata-doce, girimum, cana-de-açúcar, cará, abacaxi, mamão, etc.

O ritmo de vida na comunidade Kulina é caracterizado por rituais e festas específicas que traduzem sua relação com a natureza, a sua concepção de mundo e de sociedade.

Na cultura Kulina um dos fundamentos básicos é o manacô. Este é o princípio da troca, que traduzido para o português significa dar, receber, retribuir (dar de volta). Dentro deste princípio está fundamentada a economia e política Kulina.

O Manacô - reciprocidade

O manacô é baseado no princípio de dar e retribuir, resulta na distribuição coletiva dos bens e da produção, fazendo parte da cultura Kulina. Tem significação social e religiosa, mágica e econômica, unitária e sentimental, jurídica e moral, simultaneamente.

Para os Kulina dar é uma obrigação e receber uma exigência. O verbo "dar" em Kulina é "dade" que está relacionado com o verbo "danabaqquide" que significa repartir. Dar significa criar laços, unir, pois quem recebe fica comprometido com quem deu. Um exemplo bem comum, se alguém carece de peixe para uma refeição, basta chegar na casa de outro e falar ohuadsa aba – "peixe para mim", que ele receberá o peixe. A pessoa que solicita o alimento pegará somente o necessário para aquela refeição, dizendo ao final pepeji, que traduzido significa "é suficiente", "chega", pois na língua Kulina não existe a palavra obrigado, como nós a conhecemos. Então, para solicitar algo basta dizer ohuadsa e pepeji para informar que é suficiente."

Se alguém sofre alguma ofensa, agressão, ele ou sua família tem o direito de retribuir. O "princípio da vingança" é justificado, pois a parte ofendida tem o direito de retribuir a ofensa, mesmo em caso de morte. Por isso, em alguns casos o Tamine (chefe) precisa interferir e de maneira muito sábia, para que ele também não seja identificado como "inimigo".

Em época de escassez a distribuição de alimentos fica suspensa, pois toda a comunidade busca o acesso aos alimentos disponíveis. Isto resulta na não prática do manacô, que acontece de forma omissa, escondida, pois é sinônimo de avareza, que é condenável para os Kulina. Assim, se uma família dispõe de alimentos, ela os esconderá para os tempos de fome e fará as refeições escondida, longe dos olhares dos outros. Portanto, "na fartura se expõe, se convida, se oferece; na carência, se esconde, se evita, mas com constrangimento".

Isso também ocorre com a caça e a coleta, aquele que obteve sucesso na caça ou coleta passa pelo centro da aldeia, aquele cuja caça ou coleta fora frustrada, chega pelos fundos da aldeia em silêncio.

O povo Kulina é um povo bastante solidário entre si.

A Sociedade

A sociedade Kulina não se estrutura como a nossa, de maneira hierárquica, dividida em classes econômicas. O povo Kulina não conhece a prática do acúmulo de bens que gera a exclusão de muitos e enriquecimento de poucos na sociedade capitalista. Entre os Kulina há uma relação de igual, por isso que a prática do manacô consegue ser a base desta sociedade.

Numa comunidade Kulina as pessoas se visitam bastante e, na visita feita, o anfitrião da casa tem o "compromisso" de oferecer algo para comer, sendo que a pessoa que visita não pode rejeitar o alimento oferecido, pois isto é uma ofensa e uma desconfiança de que a comida estaria com "dori", algum tipo de feitiço. Neste sentido se a pessoa já está satisfeita, ela evita visitar alguém, pois sabe que terá que comer do alimento oferecido, caso contrário pode iniciar ali uma prática negativa do manacô. Este é o manacô da visita.

Autoridade

A comunidade Kulina possui um cacique, um chefe, denominado Tamine. A relação comunidade e Tamine, acontece de forma democrática, não autoritária. Chefe, para os Kulina, não corresponde àquele que manda, dita as ordens, que possui o poder. Sua autoridade é atribuída pela comunidade, não é automática, e muito mais que um chefe, o Tamine é assessor e articulador de uma comunidade democrática.

As relações familiares também acontecem de forma igualitária e não hierárquica. Jovens e crianças são considerados e respeitados; não têm o poder de decisão, mas influenciam nesta.

As crianças e os jovens têm a liberdade de brincar na mata perto da aldeia, nas casas ou terreiro, ou no igarapé. Têm a liberdade de ajudar adultos nos seus trabalhos, e liberdade a recusarem quando solicitados para ajudar os adultos, sendo respeitada a decisão.

O termo "preguiça" como nós o conhecemos, o Kulina não o adota, pois a preguiça é semelhante ao furto, a pessoa estaria recusando-se a retribuir, a trocar serviços ou favores, estaria negando-se à prática do manacô.

Ser Jovem

O ser jovem, assim como para nós, também para os Kulina é de certa forma um período de transição. Porém não corresponde às "crises" que o adolescente não índio enfrenta. A juventude Kulina é uma fase onde os rapazes começam a assumir tarefas adultas, começam a caçar com os homens, as garotas acompanham as mães na produção artesanal e no cultivo da terra. Enquanto para nós, não índios, a preocupação é com o futuro, "o que eu quero ser", "qual faculdade que vou cursar", o jovem Kulina vive esta etapa de sua vida de forma tranqüila e natural. Vive o momento como deve ser vivido e não antecipa seu futuro para o presente. O Kulina tende a respeitar sempre o momento em que se encontra, não antecipando situações e preocupações futuras.

Sobre as relações de namoro, o convite para namorar entre os Kulina se dá através do olhar. A palavra namorado/da ou prometido/a é qquiqqui, derivada do verbo qquide que significa ver, olhar. Aceitar o olhar do outro, encará-lo significa aceitar o namoro.

Pensando no princípio básico da cultura Kulina, o manacô, pergunta-se onde este acontece entre nós?

Nas brincadeiras e jogos indígenas o manacô também está presente. No futebol, por exemplo, o resultado final é o empate, independente de gols efetuados, pois durante a o jogo há uma constante correção do placar. Mas isto acontece nas brincadeiras, nos jogos "amistosos", pois entre os Kulina também acontecem torneios onde cada equipe joga para ganhar, havendo um vencedor.

Escola

Na escola a concepção de aprendizado e ensino é diferente. O aluno Kulina freqüenta a escola indígena até aprender, ele não é avaliado por notas e médias, mas sim pelo que sabe, pelo que ele aprendeu.

O jovem Kulina não conhece a disputa por melhor nota como nós conhecemos, ele também não é coagido a freqüentar a escola, ele estuda por simplesmente querer aprender. Também não há reprovação, pois ele permanece até aprender.

Em relação aos horários, estes também não são rígidos, o aluno permanece na aula se quiser. Se preferir acompanhar a aula em outra turma, ele tem toda liberdade. Nos anos oitenta, quando começaram as primeiras escolas, somente pessoas adultas participavam, atualmente participam adultos, jovens e crianças.

Primeiramente se aprende a língua materna, o Madihá, para então aprender a língua portuguesa e a matemática (operações básicas).

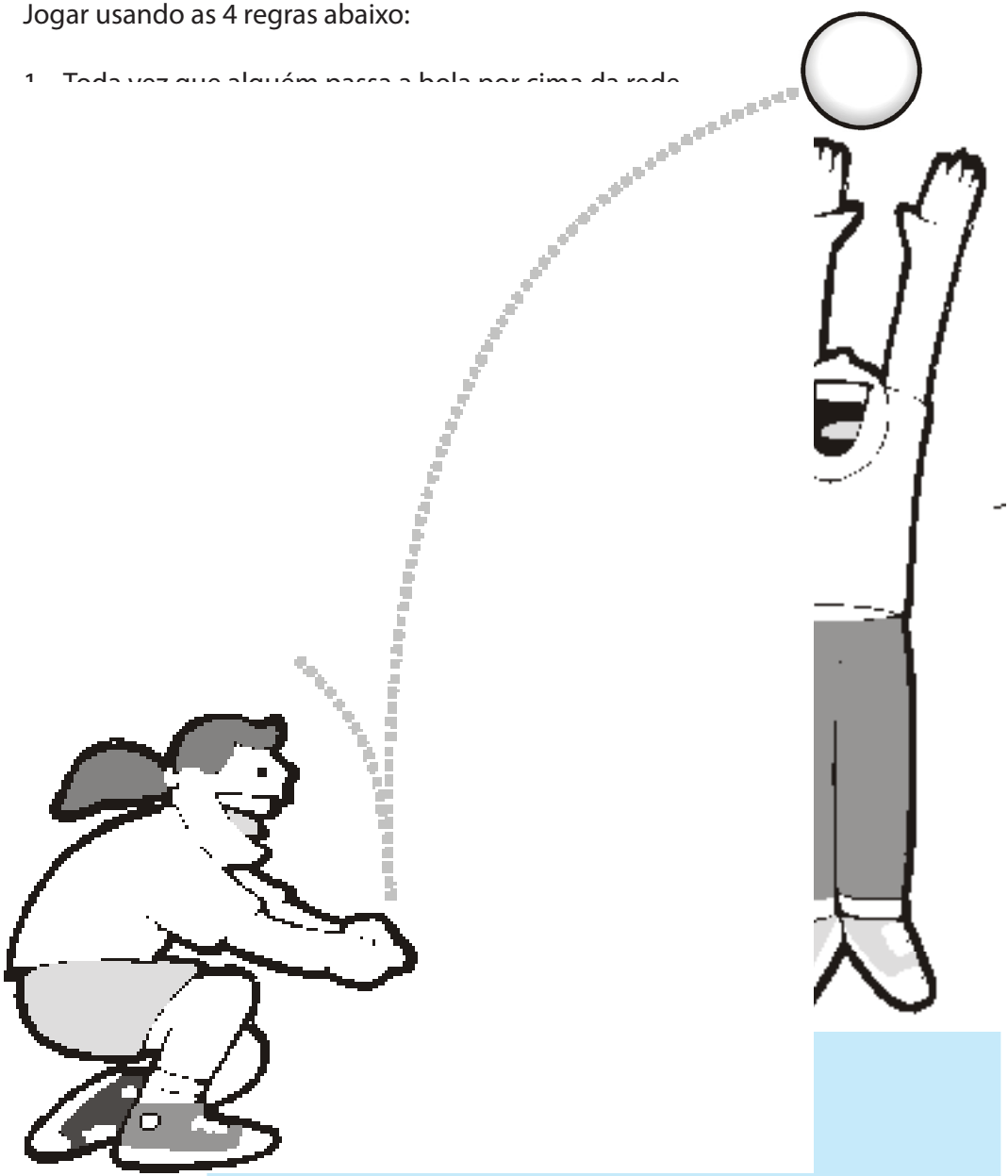
Entre os índios não há uma obrigatoriedade de freqüentar as aulas como nós a conhecemos, eles participam porque querem, porque estão conscientes da importância e utilidade daquilo que estudam.

Igualdade

"O Voleibol Manacô"

Para descontrair o voleibol como brincadeira.
Material: bola, rede e quadra
Jogar usando as 4 regras abaixo:

1 - Toda vez que alguém passa a bola por cima da rede



Entre os Kulina, adultos, jovens e crianças fazem parte da comunidade de forma que todas participam ativamente no meio em que vivem.

Para o povo indígena a natureza, animais e pessoas encontram-se integrados neste cosmo que em sua concepção é uno, não divisível. Os índios não conhecem a hierarquia que domina, oprime e faz da natureza sua escrava. O índio respeita a natureza, pois reconhece que dela provém toda fonte de vida, seja o alimento (caça, pesca, frutas...) ou as plantas medicinais... O índio a respeita de forma que teme as conseqüências ao abusar e usufruir erroneamente dela.

Caçar, por exemplo, em nossa cultura significa perseguir, capturar e abater animais silvestres, seja para o sustento ou por lazer apenas. Enquanto para os Kulina, os termos usados são dsama dsedi onana, que quer dizer "vou andar pela mata para caçar", ou bani tohui onani que significa "quero pegar carne". Na própria terminologia Kulina, percebe-se sua relação com a natureza.

Na cultura Kulina, o modo de viver e relacionar-se é diferente do nosso, uma cultura capitalista, americanizada.

No manacô, existe um vínculo entre a pessoa e o "objeto" dado, enquanto nós o entendemos como comércio e relações de trabalho. Para os Kulina, o manacô faz parte das relações sociais e não apenas comerciais. Sendo que o resultado do manacô bem sucedido será a paz.

Dinâmica*

Cadeia natural

Fique no meio do espaço e divida o grupo. De um lado ficam os ratos e do outro, os gatos. Peça agora a reação natural: os gatos caçam os ratos, mas os ratos ficam a salvo quando abraçados (2 a 2, 3 a 3...). O tempo da cadeia natural deve ser de 30 segundos a 1 minuto. A seguir, quem era rato vira cachorro e continua a reação natural; aí, os gatos viram leões e, depois, os cachorros viram domadores com chicote (peça para fazerem sons e ruídos dos bichos e chicote).

Reflexão

O grupo se senta em círculo, para um momento de opiniões sobre a dinâmica. Em seguida, sugira pontos para reflexão: cadeia natural, rato, gato, ser humano, porque o ser humano vira domador? A partir disso fazer uma ponte com o texto sobre o povo Kulina. Levando em conta o manacô, onde este foi aplicado na brincadeira e como ele é aplicado em nossa vida, será que ele é, de que forma? Pode-se também abordar as relações, opressor e oprimido, a "lei do mais forte", a sobrevivência, a união e a relação do ser humano – natureza. Relacionando sempre com a cultura Kulina, como se dá/acontece a relação de poder neste povo?

Outras questões para reflexão: a prática do manacô em nosso dia-a-dia, como este acontece em nossas famílias? Sobre a família, como os Kulina a entendem e qual a contribuição deste modelo para nossa forma de relacionamento familiar? Pensar na sociedade em que se vive, como a prática do manacô poderia influenciar nossas vidas de maneira positiva visando a solidariedade, fraternidade?

*Baseada na dinâmica "Lei da selva". cf. IECLB - DNAJ. Palavra Ação II - Ação p. 20.

De um Povo-Resto

O riso Kulina espelha
A alegria de viver
Que muita gente procura
E tão raramente encontra.

Um povo tão reduzido
Vivendo do que a terra dá,
Sabiamente ensina
Que viver é arte antiga.

Ele soube se adaptar
Ao meio hostil desta mata
E assim a transformou
No seu lugar neste mundo.

Entre si se organizaram
Os clãs de famílias extensas
De tal modo que nenhum
Sofresse privação.

E como ser livre e irmão
É sua meta primeira,
Não fizeram distinção
Entre maior e menor.

(última estrofe)
Um dia serás mensageiro
De um novo amanhecer,
E quando tu fores ouvido
Então terás conseguido
Completar tua tarefa
De povo-resto-primeiro!

Trechos do poema "De um povo-resto". Cf. Roberto Zwetsch. Madiha, O cheiro da terra. p. 20

Capa e cartaz

Mesmo numa rápida visão, ressalta-se a forma integrada e harmônica com que os Madihá querem viver, seja entre si, seja com a natureza. Assim, as cores da terra e da mata envolvem todas as fotos desse povo, simbolizando sua visão de mundo, seu Manacô.

E a partilha tem sua expressão muito adequada no andar de canoa, onde todos dividem o espaço, contribuem para o seu equilíbrio e, assim, garantem uma viagem tranqüila.

IECLB